

Nenhuma conciliação com os capitalistas e seus governos!

Por um Primeiro de maio para organizar, unificar e centralizar a luta pelas reivindicações!

Direções das Federações continuam colaborando com o governo federal!

Reproduzimos abaixo parte do Manifesto do Partido Proletário Revolucionário Internacionalista neste Primeiro de Maio

A QUE PONTOS CHEGAMOS NESTE 1º DE MAIO?

As massas oprimidas chegam a este Primeiro de maio de 2023 suportando uma gigantesca carga de opressão. Nos últimos anos, os salários tiveram seu poder de compra corroído pela alta dos preços (inflação). O salário-mínimo é de fome, com Lula/Alckmin, como era com Bolsonaro. Os empregos com carteira assinada foram reduzidos em todos os setores da economia. A precarização do trabalho se expandiu como nunca, metade dos assalariados está sob formas de exploração do trabalho sem regulamentação, sem direitos, com salários ultrarrebaixados e condições de trabalho extenuantes e até mesmo perigosas à saúde. Nos Correios, o trabalho só triplicou desde o início da pandemia, em 2020, ao mesmo tempo em que direitos foram destruídos pelo governo Bolsonaro, com a quebra do ACT.

O investimento público desabou, eliminando potenciais milhões de postos de trabalho. O preço dos aluguéis disparou, tornando impossível morar sob um teto, para milhares de famílias. Não existe disposição dos governos em resolver o problema da falta de moradia popular. Os milhões de sem-terra continuam à míngua nas beiras das estradas, e nada de acesso às terras, produtivas ou improdutivas. Se ocupam terras largadas e usadas somente para especulação, logo vem a ordem judicial, a polícia e o bando de fazendeiros armados para expulsá-los. O funcionalismo público amarga congelamentos salariais e piora das condições de trabalho, enquanto os membros do alto escalão ganham fortunas. A população das periferias das cidades é esmagada e assassinada pela repressão policial. Ou sofre com as guerras de quadrilhas vinculadas à burguesia marginal, que manda no narcotráfico e no contrabando.

A juventude não tem perspectivas, pois a escola está falindo e não existe emprego para que possa trabalhar. Menos ainda lazer, que quando existe ainda sofre a repressão policial. As mulheres são vítimas de cada vez mais violência e discriminação, apesar

das leis de proteção. Os negros sofrem com o racismo permanentemente, seja no trabalho, nas ruas ou onde moram. São os que ganham menos, têm menos acesso a tudo, são os mais assassinados, e os que morrem mais cedo. A violência contra qualquer orientação sexual, que não seja a admitida pelo obscurantismo religioso que domina o Estado burguês, é sistemática, seja nas esferas privada ou pública, jogando mais lenha na opressão geral da sociedade de classes. Os idosos veem seus direitos serem cada vez mais atacados, exigindo-se deles cada vez mais anos de trabalho e cada vez maior distância da justa aposentadoria. O sistema de saúde cada vez mais sucateado e privatizado não é capaz de preservar a vida das massas, como se escancarou durante a Pandemia. O elitismo e o privatismo avançam no interior das universidades, precarizando o ensino e permanência estudantis, e liquidando com a pesquisa.

O QUE SEGURA AS MASSAS PARA ENFRENTAR OS EXPLORADORES E SEUS GOVERNOS COM A MOBILIZAÇÃO?

O maior entrave para que defendamos as reivindicações com a luta de classes é a política de conciliação de classes das direções políticas. A grande maioria delas, hoje, está apoiando o governo Lula/Alckmin, o que faz com que os dirigentes das organizações das massas não deixem que as mobilizações progridam e se choquem com as políticas burguesas, e com o próprio governo. Não há como o governo atender às reivindicações das massas, porque é um governo da burguesia, e a serviço do capital financeiro internacional. Diante da decomposição e crise mundial capitalistas, o governo burguês tem de proteger a burguesia, e assim tem de atacar as condições de vida e de trabalho das massas. A situação é a seguinte: ou se defendem as reivindicações, o que leva ao choque com o governo Lula/Alckmin e os capitalistas; ou se defende o governo e os capitalistas, e não as reivindicações.

O QUE DEFENDEMOS?

Por isso, é fundamental a defesa da real independência de classe nos movimentos e organizações. O que leva necessariamente ao combate às medi-

das governamentais, e ao próprio governo. Assim como aos governos estaduais e municipais. E aos capitalistas, em seu conjunto.

Por isso, nossa defesa da unidade das massas neste 1º de Maio é da unidade ao redor das reivindicações, dos métodos da luta de classes, da real independência de classe e da luta internacionalista do proletariado contra o imperialismo, que é a burguesia mundial. É preciso construir a frente única anti-imperialista, sob a direção e o programa do proletariado, para combater a burguesia nacional e internacional. Contra a conciliação de classes, promovida pelas direções, que desviam as massas e suas reivindicações para o campo das instituições da burguesia, o parlamento e a justiça burguesa, assim como para as negociações que acontecem no campo da destruição dos salários, dos empregos e dos direitos.

Por um 1º de Maio Internacionalista e Proletário!

Com real independência de classe! De defesa das reivindicações com os métodos da luta de classes! De combate aos governos burgueses e à burguesia de dentro e de fora do país! De defesa das conquistas revolucionárias do proletariado mundial, contra a guerra promovida pelos países imperialistas e a OTAN! Pela unidade mundial proletária, todo apoio às lutas dos operários e demais trabalhadores na Europa e no resto do mundo! Pela derrota militar da OTAN na Ucrânia! Oposição revolucionária ao governo Lula/Alckmin! Erguer a luta de classes em defesa das reivindicações gerais e específicas das massas! Unificá-las sobre a base de uma plataforma unitária de reivindicações comuns! Construir o partido proletário revolucionário internacionalista, que ajude as massas a caminharem para a destruição revolucionária do capitalismo e construção do socialismo!

Direções da FINDECT e FENTECT continuam com sua política de colaboração de classe com o governo Lula/Alckmin

Como vimos denunciando em nossos boletins, as direções sindicais, de um modo geral, têm conciliado com o novo governo federal, por meio das mesas e reuniões de “negociação”.

Isso ficou bem claro quando tratamos da questão da fixação do salário-mínimo para 2023: a manutenção do salário-mínimo de fome, em R\$1.320,00, que joga na miséria quase 63 milhões de trabalhadores e aposentados que vivem com até 1 salário mínimo, e condena à pobreza 70% de todos os trabalhadores do Brasil, que vivem com até 2 salários-mínimos. Todo o palavreado das direções das Centrais que apresentaram outros “valores” (também miseráveis) para o governo não serviram de nada. Porque nunca serve de nada o palavreado das direções sindicais, sem luta e mobilização dos trabalhadores.

Um verdadeira Campanha nacional e unificada em defesa dos salários, dos reajustes e do emprego a todos não é levantada pelas direções sindicais. E isso não é diferente, quando falamos das direções dos trabalhadores dos Correios.

Tanto a FINDECT (CTB) quanto a FENTECT (CUT) em vez de lutar para garantir efetivação dos milhares de terceirizados que trabalham hoje nos Correios ou lutar para abrir mais postos de trabalho para fazer frente ao aumento do trabalho, sobretudo, por causa da entrega de mercadorias pela ECT, fica elogiando cada uma das medidas de Lula/Alckmin, plantando a ilusão que as reuniões com o governo são, de fato, uma melhoria nas condições de trabalho e salariais dos ecetistas. Um exemplo disso são as reuniões com o Ministério do Trabalho e Emprego, que são divulgadas pela FINDECT como resultados de um “diálogo” com o novo governo, para tratar da “segurança do trabalho”, quando as condições de trabalho só pioram (ver quadro abaixo sobre paralisação no Rio). Outro exemplo é a continuidade da propaganda em torno do Programa de Jovem Aprendiz, que é uma forma precarizada de contratar mão-de-obra da juventude, para receber em média R\$ 600,00 e trabalhar 20 horas, no aten-

dimento nas agências superlotadas dos Correios.

Reafirmamos: é preciso defender emprego a todos, por meio da Escala móvel das horas de trabalho! É preciso defender a criação de mais postos de trabalho! É preciso efetivar todos os precarizados e dar emprego digno à juventude!

TRABALHADORES DO CEE CAMPOS, NO RIO, APROVAM PARALISAÇÃO

Em 13 de abril, os trabalhadores do CEE Campos realizaram uma assembleia presencial, com a presença da direção do Sintect-RJ, e aprovaram a paralisação para exigir melhores condições de trabalho. Entre as reivindicações, está a da própria limpeza e organização da unidade e da exigência da climatização. Em 17 de abril, mantiveram a paralisação, já que os gestores dos Correios no Rio de Janeiro ainda não haviam negociado os pontos de reivindicação.

Enquanto escrevemos esta edição do Boletim, os trabalhadores aguardam a posição da empresa e devem rediscutir o movimento no dia 24 de abril.

Esta situação não é particular de um centro de distribuição, de uma unidade de atendimento, ou de uma região em particular, é um problema geral, já que as condições de trabalho só pioraram nos últimos anos, com mais trabalho e salários rebaixados, com a quebra do ACT de 2020. O movimento de uma parcela da categoria só pode ser vitorioso se se estende ao conjunto, e permite um movimento estadual e nacional unificados. Para isso, organizar desde já as assembleias presenciais nos locais de trabalho e, por estado, é fundamental para levantar as reivindicações por melhores condições de trabalhos e salariais.

***Escreva e contribua com denúncias, notas e para organizar a Corrente Sindical Marxista - Guilhermo Lora:
correntesindicalmarxistaglora@proton.me***